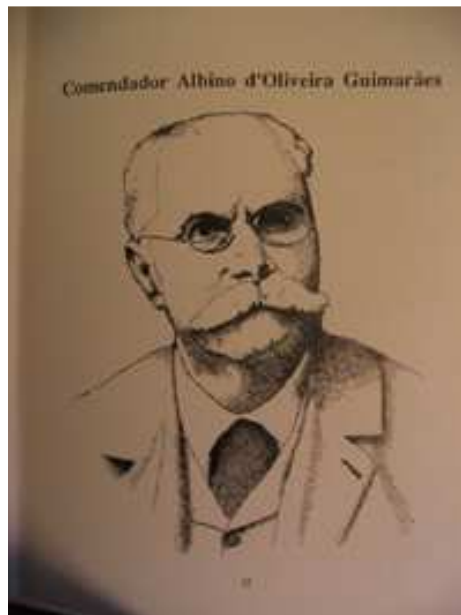


COMENDADOR ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES



Albino Oliveira nasceu no dia 4 de Setembro de 1833, na freguesia de Golães, Concelho de Fafe, Distrito de Braga, filho de José António Oliveira (+1849) e de Maria Joaquina Silva Castro (+1875) natural de **Santa Cristina de Arões, Fafe,** onde residiam e tinham o estatuto de proprietários.

A freguesia de Golães integrou, até 1853, o Termo de Guimarães e, com a reforma administrativa liberal, passou a fazer parte do território **administrativo do novo do Concelho de Fafe,** tendo, até àquela data, a designação de Concelho de Montelongo.

O passado deste município constitui a matriz cultural e simbólica dos emigrantes de Fafe, em cuja **território e paisagem** se inscrevem formas particulares de **Povoamento e Arquitectura,** umas enquadradas na montanha e outras

inseridas em territórios de vale, configurando quadros sociais distintos.

Por outro lado, as **actividades** económicas e sociais locais, sendo genericamente semelhantes às desta região do Norte de Portugal, mostram, neste Minho Interior, o seu de carácter particular. Aqui se instituíram, também, expressões próprias de cultura e **etnografia**, as quais deram sentido às memórias e justificam as **ligações à pátria e ao retorno**.

Albino emigrou, para o Rio de Janeiro, em 1847, com 14 anos de idade, onde acrescentou ao seu nome o apelido de Guimarães, regressando definitivamente a Fafe, por volta de 1890, onde morreu em 6 de Março de 1908, com 74 de idade.

Este jovem, bem sucedido, é um dos 7065 emigrantes que, saíram de Fafe, entre 1834 e 1926. Destes, cerca de 30% tinham entre 0 (zero) e 14 anos e e 60% iam alfabetizados. Este número de alfabetizados torna-se significativo, dado que, para a população local e nacional, se calcula em 80% a percentagem dos analfabetos. Eram do sexo masculino 90% deles e, maioritariamente, eram filhos de proprietários e agricultores rurais, jornaleiros, comerciantes e negociantes, constituindo, na época, a classe média e média alta local.

2 Viagem

A emigração, na primeira metade do século XIX, estava limitada aos que podiam suportar o financiamento da viagem, cujo valor global era aproximadamente de 33\$415 réis, tendo sido este o custo da viagem realizada em realizada em 1783, por João Pereira.

Constituiriam despesas de viagem, aquelas que foram feitas em 1783, na cidade do Porto, com João Pereira, filho de Inácio Pereira, por seu compadre Domingos Lopes, no embarque para o Rio de Janeiro, no Navio Madre de Deus que saiu no dia 13 de Maio de 1783: para o Contra Mestre, 24\$000; uma caixa de madeira e fechadura, \$870; vir com tudo, 3\$220; dois queijos, \$655; colmo \$85 e sabão \$35, tudo \$120; serapilheira para o enxergão, \$250; uma manta, 1\$260; com barcos que conduziram a caixa ao navio e ir lá algumas vezes, \$850; dinheiro dado ao João, para gastos, \$600; três regueifas (pão de trigo, \$210; duas macetas de marmelada, \$280; meio cento de laranjas, \$400; dois frascos, \$180; vinho e aguardente para os encher, 395; seis lancetas, \$310; com o galego para ir buscar a caixa e levá-la ao barco, \$080; com despesas da caixa na Alfandega, \$180. Totalizam as despesas, 33\$590 réis, sendo acrescidos à conta \$175 réis de despesas, totalizando 33\$415 réis. (Doc. arquivo privado - museu)

Para se entender a dimensão relativa desta importância, apresentamos como referência a "jorna" ou "jeira" salário diário de um trabalhador rural no valor de \$160 réis, sendo necessários cerca de 208 dias de trabalho para financiar a viagem para o Brasil.

Assim, se hoje o mesmo trabalho diário corresponder, no mesmo contexto, a cerca de 40 Euros, o custo da viagem rondaria os 8 320 euros.

Face às despesas da viagem, estamos perante um impedimento da emigração generalizada, o que explica a emigração clandestina e a selectividade da emigração aos que tinham capital disponível ou a possibilidade de recorrer ao crédito.

Ao mesmo tempo, o capital social de que estes proprietários rurais dispunham em Portugal, constituía-se como bastante para legitimar o cumprimento de obrigações implicitamente estabelecidas e inscreviam-se em valores próprios de origem: seriedade, honra e palavra e davam sentido à forma como eram acolhidos e bem recebidos no Brasil.

Estes valores eram inscritos em referências de legitimação social e familiar, tais como, o compadrio e o apadrinhamento, reforçados nos laços de parentesco, ainda que afastado, explicando-se, deste modo, muitos dos casamentos entre "primos".

Segundo o relato autobiográfico de Leite Lage, **a viagem do Porto para o Rio de Janeiro**, em 1827, demoraria cerca de 60 dias, incluindo os percalços decorrentes dos ataques dos corsários.

Quase todos, à chegada ao Rio de Janeiro ou a outros portos brasileiros, eram acolhidos por um parente ou vizinho instalado no Brasil, que promovia a sua integração nas actividades comerciais de destino, principalmente como caixeiros, para quem levavam uma "carta de recomendação", como nos relata a autobiografia referida.

Chegado ao Brasil, o Albino, com catorze anos incompletos, como a grande maioria dos emigrantes da época, vai trabalhar como caixeiro na casa comercial de *“ANTONIO MENDES DE OLIVEIRA CASTRO, idade 40 annos, cidadão portuguez, natural de Portugal, estabelecido na cidade do Rio de Janeiro com commercio de fazendas seccas por atacado, e comissões, foi nessa qualidade admittido à matrícula, publicada esta na data à margem e sua carta registrada a fl.51-v do livro 1º do registro competente” (10/03/1851), também natural de Fafe, e para quem levava carta de recomendação, vindo a ser o seu braço direito, das suas as qualidades pessoais.*" MATRÍCULAS DE COMERCIANTES-

Fundo: Série Indústria e comércio/ Comércio: Junta e Tribunal , Código: 9X - IC³ 57

Em 1858, Albino de Oliveira com 25 anos de idade, **casou com Luiza Mendes de Oliveira Castro**, filha de **António MENDES DE OLIVEIRA CASTRO**, estando este já gravemente doente, veio a falecer, em 1859, com 48 anos de idade, conduzindo o Albino à gerência dos negócios da família, com 26 anos, ao lado da sogra.

Neste mesmo ano de 1858, aparece na liderança da Comissão de Fundadores **do Hospital de Fafe no Rio de Janeiro**. Em 1861, faz uma viagem de retorno a Portugal, na companhia de **Francisco José Leite Lage** cujo relato constitui um espelho da construção da nossa identidade histórica e cultura de Portugal da época.

Estas estratégias de inserção no Brasil configuravam lógicas tradicionais de credibilidade e protecção definidas por cumplicidades ancestrais de parentesco e vizinhanças, caracterizadores do contexto económico e social do Minho.

As estratégias matrimoniais, tanto em Portugal como no Brasil, decorriam da existência dos laços familiares e de cumplicidade geográfico-cultural e, ainda, da conjugação destes factores com a partilha de conhecimentos privilegiados e experiência comercial experimentada na emigração, pelo que não sendo raros os casamentos dos caixeiros no Brasil com as filhas dos patrões ou de outros capitalistas estabelecidos no Brasil. Muitos destes caixeiros eram originários da elite rural alfabetizada e que rapidamente se insere nas estruturas burguesas do Rio.

Casar no Brasil com alguém natural da terra natal ou vir casar a Portugal, era obter certificados de qualidade social e moral. Estas qualidades nem sempre eram reconhecidas às naturais do país de acolhimento, tal como nos é descrito na literatura da época, explicando-se, assim, o casamento da brasileira Luiza Mendes de O. Castro com um português natural da terra de seu pai.

Nada sabemos da vida de Albino, até 1858, quando se casou, no Rio de Janeiro, com Luiza Mendes de Oliveira Castro, filha de outro fafense emigrado na cidade do Rio, **António Mendes de Oliveira Castro, com ascendentes** em Fafe e aí nascido, e de Castorina Angélica de Jesus Alvares Pereira, descendente de

Português ido de Rio Maior, para o Rio, na comitiva de D. João VI.

A família Mendes de Oliveira e Castro era uma das mais prestigiadas do Rio, especialmente pelo figura de Castorina, em segundo lugar pela vida **empresarial e social** do seu filho, **José Mendes de Oliveira Castro** 1.º **Barão de Oliveira Castro**, e do seu neto, 2.º **Barão de Oliveira Castro**.

Uma das expressões que marcam, ainda hoje, a cidade do Rio de Janeiro, é a referência à estrada denominada de **Dona Castorina**, sogra do Comendador Albino de Oliveira Guimarães, reflectindo, assim, os ecos do prestígio pessoal e familiar, naquela cidade.

O quadro de distinção social de origem, o seu nível de riqueza e os serviços prestados à coroa brasileira por D. Castorina, permitiu, segundo informações de família, a proximidade ao imperador, onde eram recebidos em visita, possibilitando o privilégio da presença deste no seu palácio situado na rua São Clemente.

Albino de Oliveira Guimarães e Joaquim Mendes da Costa Franco compram parte do sr. Joaquim Luis de Abreu (DRJ 13.03.1870), aparecendo ligado ao comércio do Ferro e outros metais, na rua da Candelária 15, com a designação (Oliveira Guimarães & Franco)

Em 1879, comprou uma casa que tinha o número 66 na rua de São Clemente, passando a ter n.º 98, ao Bernardino Casimiro de Freitas, Barão da Lagoa, que hoje é a Casa Rui Barbosa. O Diário do Rio de Janeiro de 13 de Março de 1870, n.º 71, p. 3, Albino de Oliveira Guimarães e **Joaquim Mendes da Costa Franco**

divulgam que compraram ao sr. Joaquim José Luís de Abreu a parte que ao mesmo senhor pertencia no estabelecimento de FERRO e OUTROS Metais na rua da Candelária n.º 15, e que continuam com o mesmo negócio debaixo da firma de OLIVEIRA GUIMARÃES & Franco. (Rio de Janeiro, 12 de Março de 1870 - Albino de Oliveira Guimarães - Joaquim Mendes da Costa Franco).

No cemitério de Fafe, os Mendes de Oliveira Castro residentes do Rio, mandam desta cidade **um Mausoléu para sepultara a mãe**, onde são evidentes os **símbolos da Maçonaria**

Por último, a casa de **Albino de Oliveira Guimarães vem a Fafe** constitui-se como um espaço de referência cultural e artística da cidade do Rio.

4 Viver em duas margens - o "torna-viagem"

Em 1861, Albino de Oliveira Guimarães, com 28 anos de idade viajou, em conjunto, desde o Brasil até Fafe, com Francisco José Leite Lage e João **Castro Leite**, Casa das Nogueiras, (Cepães-Fafe) ex-patrão de Francisco, destacando-se, em particular, a natureza da **viagem a que hoje chamaríamos de turismo cultural**.

Nesta viagem, o grupo visita os lugares de maior significado para a construção da identidade histórica nacional:

«(...) passando por Vale da Maceira, chegando a Alcobaça, às 9 h onde almoçamos e depois de ver o Mosteiro com vagar seguimos passando por Cumieira, S. Jorge, e depois de vermos a pá de ferro da padeira de Brites de Almeida de Aljubarrota, fomos ver o mosteiro da Batalha, (...), chegando

a Coimbra ás 5 horas. (...) No dia 8 fomos ver fomos ver a Universidade, o Observatório, as livrarias, o Penedo-da-Saudade, a Quinta das Lágrimas, onde foi assassinada D. Inês de Castro, o belo Passeio e o Jardim Botânico. (...) voltando para Guimarães ver a cidade e a feira ...» F.L.L

O registo de passaporte de 8/4/1869 refere que ele tem 35 anos, tem como destino o Rio e que vai em companhia da mulher e quatro filhos: Luiza, Castorina, António e Albino, todos naturais do Rio de Janeiro e, ainda dois criados que leva de Portugal: António de Magalhães de 45 anos e Maria Exposta de 23 anos.

O Comendador ia com frequência a Lisboa, instalando-se em Hotel, onde mantinha relações e proximidade com intelectuais, tais como, Camilo Castelo Branco, como prova a correspondência existente nos arquivos da família, dirigida ao Comendador, a quem o escritor recorria em momentos de dificuldade financeira, demonstrando a sua amizade com escritor e com **José Cardoso Vieira de Castro**.

A amizade do comendador do José Cardoso Vieira de Castro com o Comendador Albino, para além de serem conterrâneos, fortaleceu-se aquando a ida do escritor em 1865, ao Rio de Janeiro, onde fora recebido.

A recepção calorosa no Brasil deveu-se ao prestígio que os **Vieira de Castro** tinham, nomeadamente o pai desembargador, o tio que fora Ministro e de D. Maria, respeitados como elementos da elite nacional.

Tiveram ainda peso na recepção que teve no Rio, às suas ligações com os familiares que aí viviam e o recebem em sua

chácara; o seu talento pessoal e à importância da comunidade fafense no Rio de Janeiro.

Em 23 de Junho de 1865, esta comunidade dirige-lhe uma **carta publica de recepção**, tendo como primeiro subscritor: Albino de Oliveira Guimarães. (cf. Gazeta. P.: 25-07-1865)

Neste contexto evidencia-se a amizade de José Cardoso, com Albino Oliveira Guimarães e Camilo Castelo-Branco, acabando estes último a trocar correspondência sobre o fim trágico do amigo comum, descrito por Pulido Valente, no livro Glória.

Aquelas figuras personificam as imagens reais do que fora a **Personagem Literária** do "Brasileiro", no sentido dado por Eça de Queirós, dizendo que a abordagem ao personagem do "brasileiro" é, em primeiro lugar, uma questão que se coloca «ao nível da linguagem». Por outro lado, a personagem, para além de ser uma criação exclusiva da língua portuguesa, "tem, para nós" (ele), um significado próprio, tal como outros povos construíram personagens tipo.» cf. O brasileiro, Uma Campanha Alegre (de «As farpas»)

5 Retorno Definitivo: Expressões na Vida Pública e Privada

O Comendador Albino, ao regressar definitivamente a Fafe, por volta de 1890, vende a casa que possuía na cidade do Rio, onde agora se encontra a Fundação **Casa Museu Rui Barbosa**, por cem contos de réis.

Chegado a Fafe, instala-se com a família na Casa da Macieira, em Pardelhas, Fafe, **onde o sogro, António Mendes de Oliveira Castro** tinham nascido e de onde tinha partido para o Brasil. Aí ainda são visíveis vestígios do que fora o antigo edifício residencial de um Casal

Medieval e do que fora um senhorio agrícola de uma família "terra-tenente" do século XVII e XVIII.

As marcas do **retorno do Comendador a Portugal** e de muitos outros emigrantes do Brasil, na segunda metade do século XIX, foram profundas e significativas em toda a História e Cultura portuguesa, podendo atribuir-se ao "Brasileiro" o papel de transformadores de um Portugal rústico e medieval num Portugal urbana e Moderno.

Outras iniciativas de natureza filantrópica se ficaram a dever também à sua intervenção e a outros «brasileiros», nomeadamente a construção da **Igreja Nova de São José** e participa da **comissão fundadora** do **Hospital de São José Fafe** reunida em 8 de Abril de 1858, no Rio de Janeiro, onde se decide a construção numa **reunião de Maçons**.

No Porto o Comendador, tal como outros Brasileiros instalam-se no **Grande Hotel**, tendo sido através deles que as iniciativas da modernidade se implantam em Portugal, nomeadamente o **Caminho de Ferro, as indústrias, a iluminação pública**, instituindo um novo modo de vivência pública como frequentadores de **Cafés, Teatros** e como filantropos, promovendo a construção de Hospitais, **os Asilos, construção de Escolas**, e promovendo e criação de Misericórdias, como entidades gestoras dos seus donativos.

Foi grande proprietário rural em Freitas; na Ranha e Pardelhas, Fafe; em Quinchães e, em São Romão de Arões, adquiriu, além das quintas, a casa e Quinta da Arrochela.

Na cidade de Fafe construiu, na Avenida da Estação, hoje 5 de Outubro, **a sua casa urbana, com data de 1908**, onde actualmente está instalada a Repartição local das Finanças, e

inscrevendo-se num dos aspectos mais interessantes **Literatura portuguesa sobre a arquitectura** da época, sendo as **fachadas** a expressão maior da exuberância burguesa de retorno, e que deu origem a expressão - **Casa do Brasileiro**

Em 1907 participa da comissão organizadora das festividades comemorativas da chegada do **Caminho de Ferro** a Fafe, composta por «Brasileiros» e ilustres de Fafe, líderes do partido monárquico local, numa altura em que os ventos da República portuguesa já pairavam no ar.

O comendador faleceu na sua casa da Rua 5 de Outubro e foi **sepultado** no **cemitério de Fafe em 6-3-1908.**

A ele ficou a dever-se a construção do **Passeio Público de Fafe,** inaugurado em 1892, tendo custeado a iniciativa com quatro contos e duzentos mil de Réis e que hoje constitui, ainda, um lugar de eleição de Fafe e símbolo do romantismo português.

Já em Fafe, o Comendador esteve profundamente ligado aos mais significativos empreendimentos na velha vila, marcando profundamente a **estrutura urbana e a sua paisagem.**

A **Imprensa** de Fafe, nomeadamente os jornais e os almanaques dão as notícias do permanente "vai e torna", usando a expressão de Eça de Queirós: - chegou do Rio de Janeiro há dias o sr. Albino de Oliveira Guimarães filho do Ex.mo Comendador Albino de Oliveira Guimarães. - O Desforço, 20/2/1894; - chegou há dias do Rio de Janeiro, o sr. Albino de Oliveira Guimarães filho do ex. mo. Comendador Albino de Oliveira Guimarães. O Desforço, 17/12/1896 - "parte no dia 11 do próximo mês

para o Rio de Janeiro, com demora de dois meses, acompanhado por seu filho o sr. António de Oliveira Guimarães que se achava em Lisboa com sua ex. ma família" "O Desforço",31/12/1896; - "chegaram efectivamente no Sábado ao Rio de Janeiro, sem incómodo de saúde, o sr. Comendador Albino de Oliveira Guimarães e seu filho o sr. António Oliveira e a ex.ma esposa deste. "O Desforço", 13/4/1897; - deve chegar brevemente do Rio de Janeiro o sr. António de Oliveira Guimarães-O Desforço"13/4/1899; - já chegou a esta vila, de volta do Brasil e depois de alguma demora em Coimbra, o sr. António de Oliveira Guimarães "O Desforço",6/7/1899; - "Embarca por estes dias para o Rio de Janeiro o sr.António de Oliveira Guimarães, filho do respeitável e muito estimado cavalheiro sr. comendador Albino de Oliveira Guimarães."O Desforço"24/3/1904; - parte brevemente para o Brasil com sua ex. ma esposa, o sr. António de Oliveira Guimarães "O Desforço", 30/5/1907; - já embarcou no Rio de Janeiro com destino a esta vila o sr. António de Oliveira Guimarães, filho do sr. Comendador Albino Guimarães. "O Desforço",14/11/1907; - com sua ex. ma. esposa embarcou na Segunda - Feira para o Rio de Janeiro, onde vai demorar-se alguns meses, o sr. António de Oliveira Guimarães "O Desforço", 25/7/1912; - chegou na penúltima Quarta-Feira do Rio de Janeiro o sr.António de Oliveira Guimarães "O Desforço", 10/7/1913; - Retirou-se ontem desta vila, com sua delicada esposa a Ex. Ma sr^a. D. Cecília Guimarães, uma senhora virtuosa que tem praticado actos de benemerência que muito a distinguem o Sr. António de Oliveira Guimarães, com destino à capital da grande República Brasileira, onde tenciona demorar-se um ano, este nosso prezado amigo, cavalheiro de muita estima e respeitabilidade nesta terra, que foi o berço do grande fafense seu pai, o extinto e saudoso comendador Albino de Oliveira Guimarães "O Desforço", 17/6/1920

Albino Oliveira nasceu no dia 4 de Setembro de 1833, na freguesia de Golães, filho de José de António Oliveira e de Maria Joaquina da Silva Castro, natural de Santa Cristina de Arões, Fafe, onde residiam e tinham o estatuto de proprietários.

Emigrou para o Rio de Janeiro em 1847, com 14 anos de idade, onde acrescentou ao seu nome o apelido de Guimarães, regressando definitivamente a Fafe, por volta de 1890, onde morreu em 6 de Março de 1908, com 74 de idade.

O retorno do Comendador a Portugal e de muitos outros emigrantes do Brasil, na segunda metade do século XIX, foi profunda e significativa na História e Cultura portuguesa que, a eles se lhes pode atribuir o papel de transformadores de um Portugal medieval num Portugal Moderno.

Este jovem, bem sucedido, é um dos 8220 emigrantes que saíram de Fafe entre 1834 e 1926. Destes, cerca de 50% tinham menos de 15 anos e 60% iam alfabetizados. Este número torna-se significativo, dado que, para a população local e nacional, se calcula em 80% a percentagem dos analfabetos. Eram do sexo masculino 90% deles e, maioritariamente, eram filhos de proprietários ou agricultores rurais, constituindo, na época, a classe média e média alta local.

Quase todos, à chegada ao Rio de Janeiro ou a outros portos brasileiros, eram acolhidos por um parente ou vizinho, já instalado no Brasil, que promovia a sua integração nas actividades comerciais de destino, principalmente como caixeiros, para quem levavam uma "carta de recomendação", como nos relata **Francisco José Leite Lage**.

Estas estratégias configuravam lógicas tradicionais de credibilidade e protecção definidas por cumplicidades ancestrais de parentesco e vizinhanças, caracterizadores do contexto económico e social do Minho.

A emigração, na primeira metade do século XIX, estava limitada aos que podiam suportar o financiamento da viagem, cujo valor global era aproximadamente de 33\$415 réis. Para se entender a dimensão relativa desta importância, apresentamos como referência a "jorna" ou jeira" de um trabalhador rural no valor de \$160 réis, sendo necessários cerca de 208 dias de trabalho para financiar a viagem para o Brasil.

Assim, se hoje o mesmo trabalho diário corresponder, no mesmo contexto, a cerca de 40 Euros, o custo, aos preços de hoje, rondaria os 8320 euros.

Face às despesas da viagem, estamos perante um impedimento da emigração generalizada, o que explica a emigração clandestina e a selectividade da emigração aos que tinham capital disponível ou a possibilidade de recorrer ao crédito.

Ao mesmo tempo, o capital social de que dispunham estes proprietários constituía-se como bastante para legitimar o cumprimento de obrigações implicitamente estabelecidas e inscreviam-se em valores próprios de origem: seriedade, honra e palavra. Estes valores eram inscritos em referências de legitimidade social e familiar, tais como, o compadrio e o apadrinhamento, bem como pela existência de alguns laços de parentesco, ainda que afastado, explicando-se, deste modo, muitos dos casamentos entre primos.

As estratégias matrimoniais decorriam da existência de laços de parentesco, de cumplicidade geográfico-cultural e, ainda, da conjugação destes factores com a partilha de conhecimentos privilegiados e experiência comercial experimentada na emigração, pelo que não são raros os casamentos dos caixeiros no Brasil com as filhas dos patrões ou de outros Capitalistas estabelecidos no Brasil.

Casar com alguém da terra ou vir casar à terra de origem, era obter certificados de qualidade que, nem sempre, eram reconhecidos às naturais do país de acolhimento, tal como nos é descrito na literatura da época, explicando-se, assim, o casamento, no Rio, de Albino de Oliveira Guimarães com uma descendente de fafenses.

Nada sabemos da sua vida, até 1837, quando se casou, no Rio de Janeiro, com Luiza Mendes de Oliveira Castro, filha de outro fafense **António Mendes de Oliveira Castro** (Ramo - 1.5.7.2)

O sogro de Albino era também português, nascido nascido a treze de Abril de 1811, na freguesia de Santa Eulália Antiga de Fafe e falecido em 27-

11-1859, no Rio de Janeiro, onde tinha casado em 1837 com a brasileira Castorina Angélica de Jesus Alves Pereira, nascida em 1814, na freguesia de Candelária, **irmã do barão de Oliveira Castro.**

Segundo informações de familiares, o imperador era da intimidade desta família, visitando-a frequentemente no seu palácio situado na rua São Clemente, onde hoje está instalado o Museu Casa Rui Barbosa. Segundo os mesmos familiares existirá no Rio de Janeiro a **estrada D. Castorina**, sogra do Comendador **e do sogro, sabemos que foi uma figura de prestígio na praça comercial do Rio**

A proximidade com a família imperial estará na origem do seu regresso a Portugal, aquando da Implantação da República no Brasil.

Ao regressar definitivamente a Fafe, com a família, instala-se na Casa da Macieira, em Pardelhas, **na Casa dos ascendentes do sogro**, António Mendes de Oliveira, onde são visíveis vestígios do que fora um edifício de uma grande propriedade, expressão de uma família "terra tenente" do século XVII e XVIII.

Já em Fafe, o Comendador esteve profundamente ligado aos mais significativos empreendimentos aí levados a efeito, destacando-se o seu empenhamento na construção do Jardim do Calvário ou Passeio Público e na construção do Hospital de São José.

O Comendador ia com frequência a Lisboa e mantinha relações de proximidade com Camilo Castelo Branco, existindo, na família, correspondência deste dirigida ao Comendador, a quem o escritor recorria em momentos de dificuldade financeira.

Na família existe também um vasto arquivo de documentos, alguns deles datados século XVII e XVIII.

Foi o proprietário em Freitas; na Ranha-Fafe; em Quinchães e, em São Romão de Arões, adquiriu a casa e Quinta da Arrochela.

Na cidade de Fafe construiu, na Avenida da Estação, hoje 5 de Outubro, a sua casa urbana, com data de 1908, onde actualmente está instalada a Repartição local das Finanças.

Conhecemos um passaporte seu de 8/4/1869, o qual refere que ele tem 35 anos, quando faz uma viagem ao Rio com a mulher e quatro filhos: Luiza, Castorina, António e Albino, todos naturais do Rio de Janeiro e dois criados: António de Magalhães de 45 anos e Maria Exposta de 23 anos.

Em 1907 participa das festividades comemorativas da chegada do Caminho de Ferro a Fafe, com outros «Brasileiros» ilustres de Fafe, emigrados na cidade do Rio de Janeiro.

A ele se ficou a dever a construção do Passeio Público de Fafe, inaugurado em 1892. Outras iniciativas de natureza filantrópica se ficaram a dever a ele e a outros «brasileiros», nomeadamente a construção da Igreja Nova de São José e o Hospital de São José Fafe.

Está presente na comissão promotora da inauguração da Estação do Caminho de Ferro, comissão essa composta pelos líderes do partido monárquico local, numa altura em que os ventos da República portuguesa já pairavam no ar.

Notícias da imprensa local:

COMENDADOR ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES:

31/12/1896 - parte no dia 11 do próximo mês para o Rio de Janeiro, com demora de dois meses, acompanhado por seu filho o sr. António de Oliveira Guimarães que se achava em Lisboa com sua ex.ma família.

13/4/1897 - chegaram efectivamente no Sábado ao Rio de Janeiro, sem incómodo de saúde, o sr.(...) e seu filho o sr. António Oliveira e a ex.ma esposa deste.

24/3/1904 - embarca por estes dias para o Rio de Janeiro o sr.(...), filho do respeitável e muito estimado cavalheiro sr. comendador Albino de Oliveira Guimarães.

ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES

20/2/1894 - chegou do Rio de Janeiro há dias o sr.(...) filho do Ex.mo . Comendador Albino de Oliveira Guimarães.

17/12/1896 - chegou há dias do Rio de Janeiro, o sr.(...) filho do ex. mo. Comendador Albino de Oliveira Guimarães.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA GUIMARÃES,

13/4/1899 - deve chegar brevemente do Rio de Janeiro o sr.(...)

-

6/7/1899 - já chegou a esta vila, de volta do Brasil e depois de alguma demora em Coimbra, o sr.(...)

30/5/1907 - parte brevemente para o Brasil com sua ex. ma esposa, o sr.(...).

14/11/1907 - já embarcou no Rio de Janeiro com destino a esta vila o sr.(...), filho do sr. Comendador Albino Guimarães.

25/7/1912 - com sua ex. ma. esposa embarcou na Segunda- Feira para o Rio de Janeiro, onde vai demorar-se alguns meses, o sr.(...).

10/7/1913 - chegou na penúltima Quarta-Feira do Rio de Janeiro o sr.(...)

17/6/1920 - Retirou-se ontem desta vila com sua delicada esposa a Ex. Ma sr^a. D. Cecília Guimarães, uma senhora virtuosa que tem praticado actos de benemerência que muito a distinguem (...), com destino à capital da grande República Brasileira, onde tenciona demorar-se um ano, este nosso prezado amigo, cavalheiro de muita estima e

respeitabilidade nesta terra , que foi o berço do grande fafense seu pai, o extinto e saudoso comendador Albino de Oliveira Guimarães